

A PESQUISA QUALITATIVA NA EDUCAÇÃO

Maria de Lourdes Almada Prestes *

1. DEFINIÇÃO

A pesquisa qualitativa consiste em descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos que são observáveis. Ademais, incorpora o que os participantes dizem ser suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões, etc., tal e como são expressados por eles mesmos e não como alguém os descreve. (Watson-Gegeo, 1982).

A pesquisa qualitativa utiliza a entrevista como o método mais apropriado para obter a informação necessária.

Em geral, é utilizada para:

1. Assinalar os pontos de vista das pessoas entrevistadas e o significado interno que os participantes partilham.
2. Responder perguntas que têm a ver com as relações sociais (por exemplo: Como se organiza um grupo? Como se negociam estratégias para se comunicarem entre si?).
3. Tratar com estudos comparativos de culturas (por exemplo: a análise de diversos estilos de comunicação: direta, indireta, não verbal, etc. . .).
4. Responder perguntas sobre o

processo de socialização da criança (como se socializa para o mundo adulto, como se assimila para a sociedade e como se endoculturaliza por meio da escola).

O esquema geral da pesquisa qualitativa não se processa como o da pesquisa quantitativa. Nos estudos baseados em quantificações de variáveis são focalizados um ou mais problemas, para os quais se propõem uma ou mais soluções. Na pesquisa qualitativa, em troca, elaboram-se questionamentos que vão se refinando ao longo do processo até se converterem em hipóteses de trabalho. Isto implica que a pesquisa não se delinea *a posteriori*, mas vai se formulando através de perguntas iniciadas no campo e que continuamente vão sendo refinadas e refletidas. As seguintes perguntas poderiam ser exemplos deste tipo de delineamento:

Pergunta nº 1:

Por que se continua apresentando certas disciplinas ou práticas didáticas de aula, mesmo quando estas estão sendo modificadas ou reestruturadas?

Pergunta nº 2:

* Professora do Dep. de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Como é que as escolas perpetuam e ainda chegam a reforçar a distribuição desigual do êxito escolar, quando existe tanta literatura crítica sobre o mesmo?

Pergunta nº 3:

Como e de que forma se realiza a socialização dos diferentes grupos sociais dentro da escola?

A pergunta no enfoque qualitativo tende a desentranhar as relações existentes, além de indagar sobre o *porquê* e o *como* de sua existência e sobre que bases se assentam.

2. ANTECEDENTES

A pesquisa qualitativa não se constitui em novidade no campo educacional. Tem antecedentes históricos e sociais que têm incidido em seu desenvolvimento, mas seu ressurgimento se deu nos últimos dez anos. Este enfoque foi influenciado, em grande parte, pela antropologia e sociologia americana e pela escola britânica de antropologia.

Em seus primórdios, a preocupação dos antropólogos americanos foi de captar os vestígios de civilizações que iam desaparecendo. Pouco depois, esta preocupação, por identificar padrões culturais, se converteu em estudos de caráter nacional ou referentes à Psicologia de grupos ou de povos. ENTRE eles se destacam os de MARGARET MEAD, em Samoa e o de RUTH BENEDICT sobre os japoneses (tal como se apresenta em *The Chrysanthemum and Saword*). Mais tarde, na

América Latina, aprecia-se este tipo de estudo no trabalho de Oscar Lewis sobre a família mexicana, em *Cinco Famílias* e os *Cinco Filhos de Sánchez*. Ambas as obras recebem severas críticas quanto à representação dos grupos nacionais e quanto ao emprego de ética metodológica. Entretanto, esse marco de estudos sócio-culturais e de personalidade vai mudando nos anos de 1960 e 1970, por influência da preocupação social que se sente frente aos grupos minoritários nos Estados Unidos.

Por um lado, os estudiosos se perguntam como é que as crianças de grupos minoritários não conseguem rendimento escolar adequado dentro das escolas que lhes permita ascender no sistema social; por outro, como se dão a conhecer as necessidades destes grupos.

Para este propósito, intervêm correntes educativas baseadas na Linguística. Assim, obtêm-se os estudos do "dialeto negro" de Labov e outros, e os estudos de sociólogos e antropólogos que tratam do exótico até o comum, em zonas urbanas, para realizar o que se denomina antropologia comprometida de ação social.

Sobre este particular se iniciam estudos sobre os "culturalmente desvantajados", tratando de ver como se determinam essas desvantagens na aprendizagem acadêmica. Dos anos 70 até o momento, se enfatizam os estudos sócio-lingüísticos, em relação com a linguagem na organização de grupos sociais, na competência comunicativa e, mais recentemente, na interação em sala de aula, tal como se observa no

trabalho de Susan Phillips (1983), Dell Hymes (1974), Courtney Cazden (1972) e Frederick Erickson (1977).

A escola britânica, contemporânea de alguns antropólogos norte-americanos, de 1920 em diante, se preocupa com o estudo das normas dos grupos sociais. A grande traços, são várias as influências que caracterizam esta escola antropológica; mas, entre os contribuidores mais notáveis se encontram Radcliffe-Brown, quem analisa a continuidade dos princípios que regem os grupos sociais e destaca a existência de uma estrutura interna pela qual se regem. Bronislaw Malinowski foi quem em seus estudos de campo representados na obra ARGONAUTS OF THE PACIFIC (1922), adotou um enfoque descritivo-interpretativo da realidade, lançando mão da observação do que ocorre no dia-a-dia, do pensamento das pessoas, de como analisam os problemas de sobrevivência e de como as definições das relações sociais se inferem do comportamento dos grupos.

Raymond Firth é, talvez, o autor que influi mais diretamente na Antropologia Americana por seu enfoque da organização social. Analisa a tomada de decisões dos grupos sociais, o significado especial de como cada grupo se adapta a uma certa função. Isso se reflete no enfoque funcional-estrutural que se observa na análise antropológica.

Firth enfatiza, em sua obra ELEMENTS OF SOCIAL ORGANIZATION (1981), os três seguintes conceitos:

- 1. A estrutura social que dá sentido aos princípios que regem a interação e explica o sistema de normas que se observam na mesma (quem tem direito de falar, qual é a posição social do indivíduo dentro da sociedade, quais são os tipos dentro da mesma).*
- 2. A organização social, ou seja, o processo de ação interna entre os grupos. Aqui se considera a tomada de decisões, a reinterpretção de princípios e a compreensão de que a ação e o contexto estão envolvidos.*
- 3. A função social, ou seja, as metas que um chega a adotar dentro do grupo, a modificação consequente de funções que executa conforme vai mudando cada situação.*

Firth analisa a estrutura interna dos grupos sociais e trata de identificar os elementos que unem o indivíduo com o grupo social. Portanto, preocupa-se pela maneira como se definem as pessoas, quer seja por sexo, roles, posição sócio-econômica, idade cronológica, etc.; além disso, analisa a regulação de comportamento, quer dizer, como se regem as pessoas por códigos morais, controles sociais, sanções, etc. . . , e destaca a importância da comunicação tanto direta como indireta.

Além disso, Firth caracteriza os grupos sociais por valores e standares que possuem, e sustenta que não existem grupos carentes de valores (1981).

Agregadas a estas duas correntes está a sócio-lingüística, que começa a ter transcendência a partir da influência de Sapir, Whorf e Pike e continua seu desenvolvimento com os aportes de Spradley, Frake e Goodenough, na etnociência. As correntes que se apreciam, por conseguinte, são:

1. *A corrente funcional-estrutural da Antropologia Social Britânica.*
2. *A corrente de cultura e personalidade da Antropologia Cultural Americana.*
3. *A corrente de lingüística antropológica, tal como é representada pela sócio-lingüística e a etnociência, e*
4. *A corrente de interação simbóli-*

ca (etnometodologia) desenvolvida por sociólogos, lingüistas e fenomenólogos, cujos fundamentos brotam da "GROUNDED THEORY", quer dizer, teoria que brota dos fatos, dos dados e que tem relevância e significado, além de contestar perguntas sobre o como e o porquê de certas situações e eventos.

Esta mescla de correntes tem caracterizado a pesquisa qualitativa e, pouco a pouco, a tem diferenciado da pesquisa quantitativa.

3. ASPECTOS DOS PARADIGMAS QUALITATIVOS E QUANTITATIVOS

O quadro a seguir representa o contraste das pesquisas qualitativas e quantitativas como exemplo.

CONTRASTES DAS PESQUISAS QUALITATIVAS E QUANTITATIVAS, COMO ESTEREÓTIPOS DOS TIPOS IDEAIS, SEGUNDO WEBER*

(Robert L. Crain)

FATORES	TIPOS DE PESQUISA	
	QUANTITATIVA	QUALITATIVA
1. Seleção de variáveis	Específica e limitada somente para aquelas variáveis selecionadas.	As variáveis vão-se agregando e refinando no campo.
2. Custo	Alto	Baixo
3. Amostra	Grande	Pequena

* Traduzido e adaptado pela autora do artigo, da obra "Assessing Race Relation in the Classroom", de Robert L. Crain, *Antropology an Education Quarterly*, May 1972.

4. Tipo de Controle de erros	Confiabilidade	Validade
5. Tipo de análise	Estatística ou modelos de lógica. Quantidade.	Marcos teóricos e apresentação verbal de incidentes; qualidade, natureza.
6. Método de análise principal	Causal, correlacional.	Descritivo, interpretativo.
7. Número e base de variáveis na análise	Enfatiza relações múltiplas entre as variáveis.	Define novas variáveis.
8. Efeitos da interação	Poucos	Muitos
9. Marco-teórico disciplinar	Psicometria, economia, sociologia.	Ciências políticas, antropologia, sociologia, educação.
-10. Perspectiva conceitos de sociologia	Teorias do ensino, pesquisa descritiva, estratificação, teoria da organização, experimentos, psicologia social.	Ciências políticas, antropologia, sociologia. Socialização, funcionalismo, interação simbólica, cultura, normas, etnometodologia, educação.
11. Informes	Tabelas e interpretação.	Teoria e material sobre estudo de casos.

O conteúdo do quadro representa um esquema de idéias e não necessariamente descrições empíricas. Em termos gerais, se caracteriza a pesquisa quantitativa como rigorosa, científica, objetiva, além de ser empírica e verificável; enquanto que a pesquisa qualitativa é caracterizada como não operacional, subjetiva, sem bases científicas, especulativa.

O perigo deste tipo de enfoque é que a pesquisa tende a dicotomizar-se, criando um abismo entre as relações quantitativas e qualitativas. Conseqüentemente, a pesquisa qualitativa é

estereotipada como fraca e subjetiva, sem a validade do quantitativo, que é visto como puro, certo, verdadeiro, operativo.

Desafortunadamente, o estereótipo que se tem desenvolvido sobre a pesquisa qualitativa tem conseguido criar suspeitas sobre sua validade e qualidade aportadora. Considera-se que a pergunta aberta e a entrevista não refletem senão uma realidade simples e que o uso de questionários e instrumentos de medida podem ser muito mais exatos e eficazes.

O que se ignora nesta posição é a intenção da pesquisa qualitativa que é a de refinar, aclarar e não verificar hipóteses como verdade única. O que é especulação para o pesquisador quantitativo pode ser o marco-teórico para o pesquisador qualitativo.

4. ACLARAÇÕES SOBRE A PESQUISA QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Ambas as orientações investigativas poderiam não gerar dois processos independentes, únicos e pouco relacionados. Deveriam ser considerados como orientações interdependentes; assim, por exemplo, se pode iniciar um estudo qualitativo, explorativo e, posteriormente, empregar métodos quantitativos para ir ordenando o que se vai descobrindo; ou iniciar-se um estudo quantitativo que necessita aportações qualitativas sobre uma variedade de aspectos da situação.

Portanto, bem poderia ser o caso de que a pesquisa qualitativa, por seu delineamento, possa prover informação sobre o que é significativo em uma escala maior. Tanto uma orientação como a outra podem ser fases de um projeto e a pesquisa qualitativa, sua primeira ou segunda fase.

O significado da pesquisa qualitativa, de acordo com Erickson (1977), é detectar o momento em que se tomam decisões acerca das variáveis ou perguntas que se investigarão, e como serão medidas. É tal a preocupação pela metodologia que esta parece predominar sobre as metas do estudo.

Importa destacar que em certas deformações da pesquisa quantitativa poderá imperar a metodologia para determinar o tipo de perguntas ou variáveis que se estudarão e não o problema ou a problemática que dá origem às buscas e aos respectivos procedimentos de indagação.

No enfoque qualitativo, a metodologia necessita responder aos diferentes níveis de análise e de abstração que se efetuarão. O essencial será tratar de responder à perguntas tais como: *para quem? e com que fins se realiza o estudo?*

Segundo Erickson (1977), a nível de análise o processo de realizar uma pesquisa qualitativa é descobrir e descrever como certas noções/definições existem para a gente; qual é a qualidade das interações; como um evento singular chega a ser relevante e funcional para as pessoas e como chegam a relacionar-se estes eventos em um contexto maior. Não há dados soltos nem a informação é isolada; sempre existirá uma relação com uma estrutura dada.

O nível de abstração poder-se-á caracterizar por vários métodos (Goetz, Le Compte, 1981). Três se incluem neste trabalho (ainda que naturalmente existam muitos mais). Em primeiro lugar, a indução analítica por meio da qual se procuraram precisar as categorias de fenômenos singulares que se encontram entre os dados e informações recolhidas. A partir desta tarefa, desenrolar-se-ão hipóteses de trabalho que emergirão diretamente de

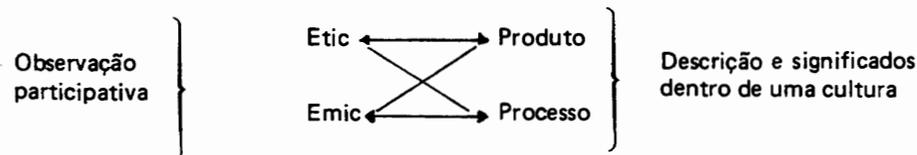
um profundo estudo dos dados e de suas inter-relações. Em segundo lugar, pode-se empregar taxionomias, ou seja, tipos ideais e sistemas de classificação de noções a conhecer mais claramente em palavras como "tio João", "tia Martha", cujos significados podem se referir a pessoas que não têm nenhum vínculo sanguíneo, mas que por carinho se lhes incorporam dentro da família, entram no contexto interno hierárquico, tal como o vêm os membros dessa família.

Destas duas perspectivas se pode ver a cultura, a sociedade e a organização social, do ponto de vista externo e interno.

Com o que antecede se pode aclarar por sua vez o conceito de "cultura", que constitui um elemento útil na pesquisa qualitativa. Existem mais de 162 definições do dito conceito (Kroeber; Kluckhohn, 1959); mas tal como se o utiliza, em geral, na pesquisa qualitativa, inclui tudo aquilo que reflete os conhecimentos e as habilidades que são necessárias para pertencer a uma comunidade ou sociedade.

A definição clássica de Tyler (1871) enfoca a "cultura ou civilização no sentido etnográfico mais amplo, como tudo aquilo que inclui conhecimento, crença, arte, moralidade, leis, costumes e qualquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade". Portanto, destacam-se as diferenças que existem quando se percebe a cultura: a) como *produto*, ou seja, como artefato, objeto; b) como *processo*: relações sociais ou interações.

As tradições e costumes de um país poderiam se considerar como produtos culturais, por exemplo, as celebrações de certas datas, o vestuário típico da pampa gaúcha, etc. Mas isto é somente a um nível descritivo. Consideradas como processo cultural, estas tradições trazem consigo significados e interpretações religiosas, espirituais, com significados internos muito mais profundos. A realidade vista das perspectivas de ETIC/EMIC e a partir do conceito de cultura como *produto e processo* proporcionam à pesquisa qualitativa o seguinte esquema:



Neste método, toma-se a informação de todos os sujeitos que participaram do estudo, escrevem-se essas notas detalhadamente para logo, "em bruto", convertê-las em notas "elaboradas" que incluem todos os detalhes do contexto.

Tais notas são revisadas pelos participantes, os quais agregam dados que consideram importantes. Assim sucederá com todas as notas diárias, até que o informe final represente a integração da análise de todos os implicados (colaboradores, pesquisadores, etc).

Segundo se observa, os participantes neste tipo de estudo cumprem uma função ativa; não são meros informantes. Complementarmente, se sentem parte da equipe investigadora e adquirem uma visão mais crítica e global do tema em estudo.

5. FATORES INTEGRANTES DA PESQUISA QUALITATIVA

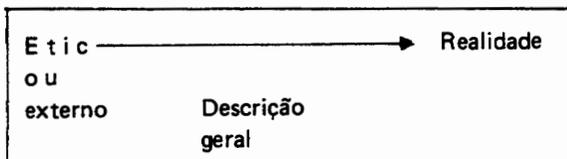
Além de: 1) o tipo de perguntas que se colocam na pesquisa qualitativa; 2) o uso do contexto natural; 3) a observação participante; 4) as comparações e contrastes que efetuam, integram-se à pesquisa qualitativa 5) os

conceitos de ETIC e EMIC; e o conceito de; 6) cultura como Produto e como Processo.

ETIC é derivada da palavra Phonetic (fonética); EMIC é derivada de Phonemic (fonema). Estes conceitos utilizam-se na pesquisa qualitativa porque representam dois aspectos de relevo. O conceito de ETIC apresenta a descrição do ponto de vista externo. Refere-se, assim, àqueles conceitos ou categorias que se utilizam para fazer comparações entre culturas. A perspectiva é totalmente descritiva e reflete macro-noções e aspectos gerais.

Um exemplo que ilustra o que antecede é a noção de família vista da perspectiva ETIC e EMIC. O ETIC descreveria o que é *compadrice* — compadre, comadre, "compay", "comay", etc — como uma descrição geral dentro da família para vínculos de pessoas que fazem parte do quadro familiar sem necessariamente ter vínculos sanguíneos. O EMIC, neste caso, se dá empregado pelas pessoas. Finalmente, está o uso do caso único, que funciona como micro-reflexo de uma situação que se analisa diretamente das observações que se realizam sobre comportamentos.

QUADRO Nº 1

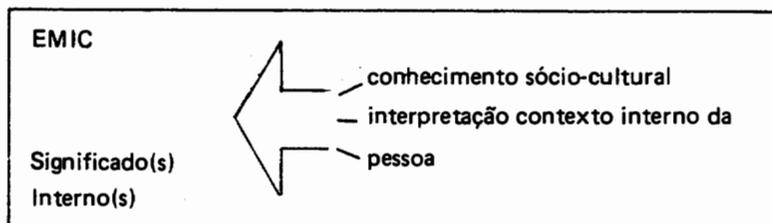


EMIC, pelo contrário, apresenta a perspectiva interna das pessoas que já estão integradas dentro da cultura ou da própria sociedade. Ao separar a interpretação do significado, com suas regras e categorias, como o conhecimento sócio-cultural que rege e é comum para esse grupo ou sociedade, ingressa-se no que se conhece por EMIC. Em outras palavras, conhecem-se os pensamentos e interpretações internas dos participantes, além das categorias que se utilizam dentro dessa cultura.

Kemmis desenvolveram o que se denomina "casos participativos".

Neste esquema denota-se que a realidade não é simplesmente o que se vê, mas, além disso, o que se interpreta e o que não se diz, ou seja, a ação não verbal. Por conseguinte, estas combinações e a observação participativa, na qual o investigador trata de descobrir o que está ocorrendo em certos contextos e aprende a integrar-se ao grupo para observar e conhecer, são, em con-

QUADRO Nº 2



Este tipo de estudo tem-se realizado em vários âmbitos. Assim, por exemplo, o que se refere ao Mestrado em Administração de Empresas de uma Universidade "X". Aqui, em grande parte, o currículo se apóia no estudo de casos, os quais são analisados pelos estudantes de uma forma muito específica. Além disso, certos pesquisadores, como Adelman, Jenckins e Kemmis (1976), têm-se especializado no "caso único" como um dos meios mais adequados para sintetizar aspectos da realidade. Adelman, Jenckins e

junto, as bases da metodologia empregada na pesquisa qualitativa.

Cultura, em anos recentes, tem evoluído desde um conceito estático, concreto e abstrato a uma conceitualização dinâmica. De acordo com Goodenough (1964: 36), "a cultura é um sistema de normas que se usam para perceber, crer, avaliar e atuar".

De acordo com esta definição, precisa-se saber o que é necessário para comportar-se de certa forma, atuar

apropriadamente ou inapropriadamente, e antecipar as ações dos outros (Goodenough, 1976: 3). Um exemplo é o caso da atuação passiva e silenciosa de certos grupos indígenas norte-americanos dentro da sala de aula, o que é erroneamente interpretado como falta de interesse ou iniciativa; mas que realmente representa o respeito que se mantém dentro da cultura indígena frente aos adultos ou pessoas de autoridade. Olhar e dirigir a palavra diretamente aos adultos é falta de respeito. Phillips (1983) denomina este padrão cultural de "estruturas participativas", ou seja, a cultura invisível vista através de normas e regras que são comuns entre pessoas de um grupo. Chegar a conhecer este nível de cultura de um grupo é apreender o conhecimento sócio-cultural de que se necessita para produzir certos comportamentos.

O conhecimento sócio-cultural guia o comportamento dos participantes em certos âmbitos. Assim, destacam-se os roles sociais, as normas operativas e as categorias e habilidades que os participantes possuem nos diferentes contextos.

Erickson formula a seguinte pergunta como chave para obter o conhecimento sócio-cultural dentro da sala de aula: "*o que é que o professor e os alunos em sala de aula têm que saber para poderem atuar?*" (Erickson, 1977: 65).

Conseqüentemente, pode-se também perguntar: Como se chega a descobrir a cultura interna dessa classe e como, por sua vez, a cultura externa?

De acordo com Erickson, a única fórmula de fazê-lo é: a) perguntando, e b) observando. Não observar pelo merecimento de fazê-lo, mas para entender o que está ocorrendo. Eis aqui a nota, o aspecto fundamental da observação participativa.

6. ALGUNS SUPOSTOS, PRINCÍPIOS E CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA QUALITATIVA

Com o objetivo de aumentar a compreensão sobre o enfoque investigativo que motiva este trabalho, pode ser de interesse apresentar uma série de notas que procurarão destacar suas características mais relevantes.

1. O conhecimento sócio-cultural é patrimônio de todos os membros de uma sociedade/cultura.

a) Este conhecimento não existe de forma hierárquico-dedutiva, construído como um paradigma vertical, de cima para baixo, mas que enfatiza a validade do conhecimento dos participantes como parte de sua consciência coletiva.

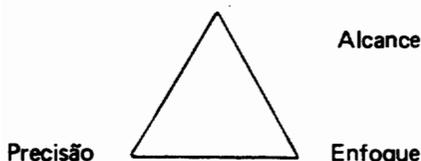
b) A pesquisa qualitativa procura enriquecer a visão do problema ao adentrar-se na realidade e na interpretação dos comportamentos humanos observados em seu cenário natural.

2. A metodologia qualitativa se aplica em estudos de nível macro e micro. Resulta sumamente útil para focalizar aspectos gerais ou globais de um problema e indagar sobre questões pla-

nejadas em cenários sociais mais reduzidos.

- a) A metodologia qualitativa busca a maior precisão em suas análises. Esta é uma preocupação constante que obriga a redefinir permanentemente as interrogações iniciais, tendo-se em conta o não perder de vista o enfoque e o alcance. O tipo de perguntas que se formulam corresponderá ao universo que se define e, ao serem respondidas, compreenderão a maioria dos aspectos críticos envolvidos. (Watson-Gegeo, 1982).

Por isso, deverá haver um balanço entre a precisão, o alcance e o enfoque para explicar amplamente o "universo" que se estuda.



- b) A metodologia qualitativa requer mais tempo que outros enfoques quando empregada na investigação de um problema; mas, dadas as suas características, aprofunda-se o estudo do mesmo e obtém-se uma informação muito mais completa e válida.

- c) A metodologia qualitativa tende a destacar aspectos e discrepâncias que poderiam ter certa

transcendência e explicaria questões que não seriam identificáveis por meio da pesquisa quantitativa. Um exemplo seria a análise do rendimento escolar efetuado quantitativamente por meio de provas, exames, normas gerais e um estudo de caso que demonstrasse as habilidades das crianças em seu próprio contexto e a facilidade que pudessem exibir dentro do mesmo. Podem ocorrer casos de crianças que não consigam o rendimento escolar requerido para provas ou exames e que, entretanto, utilizem o conhecimento necessário para realizar com êxito certas atividades na vida real, que implicam processos similares. Assim, um aluno qualificado como deficitário no uso de tábuas matemáticas, pode muito bem vender rifas, loterias, etc, e demonstrar as mesmas habilidades que as requeridas em aula. As diferenças poder-se-iam atribuir a fatores do contexto, mas, também, ao tipo de motivação e reconhecimento do estado emotivo-afetivo do sujeito. Neste caso, as possíveis causas se revelariam por meio da pesquisa qualitativa.

3. A coleta de dados, sob este enfoque, abarca vários pontos de vista que servem para desenvolver o que Erickson denomina "Estratégia de enfoques para coleta de dados" (1977). Para Erickson, o pesquisador entra em campo com uma orientação teórica consciente que reflete um conhecimento substantivo da teoria das ciências sociais e da teoria pessoal (Erickson, 1977: 62).

Como produto de uma interação entre ambas, surgirão as perguntas que orientarão a pesquisa. Portanto, a pesquisa qualitativa se considera como um processo ativo de indagação dirigida, na qual se tomam decisões sobre o investigável, enquanto se está no campo. O desenvolvimento de estratégias para a coleta de dados supre sistematicamente o conhecimento teórico, a experiência e o conhecimento EMIC (interno) dos que são parte do estudo e as definições operacionais ETIC (externas) que descobrem os fenômenos que se vão reunindo e analisando.

O enfoque pode, segundo Erickson, estar orientado a:

- a) "Trabalhar com aquelas definições do que é significativo, relevante e consciente para os participantes e que incorpora a literatura existente nas ciências sociais e na investigação educativa". Seguindo o trabalho de Hymes (1976), Erickson denomina este ponto de vista de ETHNOGRAPHIC MONITORING (Erickson, 1977: 62).
- b) O segundo ponto de vista consiste em "descobrir novos fenômenos de relevância funcional, ou seja, variáveis e relações entre variáveis que não surgem da consciência dos participantes, mas que têm sido sugeridas pela investigação e o desenvolvimento de teorias nas ciências sociais". (Erickson, 1977: 63). Este ponto de vista melhor se conhece dentro da antropologia como orientações sobre a teoria cognitiva da

cultura e da competência social. A ênfase aqui não está no comportamento, mas no conhecimento necessário para produzi-lo.

- c) A pesquisa qualitativa oferece a alternativa de focar o que caracteriza a organização social e cultural de um grupo. Analisa aspectos, tanto manifestos como latentes, de interação não verbal (e nisto vai muito mais além da descrição do que se observa na superfície do que está ocorrendo).
- d) Outra alternativa na aplicação da metodologia qualitativa se aprecia no estudo da transmissão social e cultural que se realiza em diversos âmbitos. As reformas ou mudanças que se realizaram e que têm um cunho histórico-social podem se realizar sob esta orientação.
- e) Por último, a metodologia qualitativa serve para estudar o currículo oculto e sua transcendência. O trabalho de Paul Willis sobre "resistência e reprodução social", como o de Michael Apple sobre o "currículo oculto" e o de Henry Giroux sobre "ideologia, cultura e antipositivismo", apresentam exemplos e orientações da nova sociologia da educação como alternativas.

7. AS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA QUALITATIVA PARA A PESQUISA EDUCACIONAL

A pesquisa qualitativa, segundo nosso critério, pode contribuir enormemente para a pesquisa educacional, ao traçar uma oportunidade para que se produza uma interação social mais positiva e um atuar dos participantes mais comprometido com o problema em estudo. O modelo vai surgindo dos critérios que todos vão elaborando, aspecto não considerado em modelos elaborados *a priori* pelo pesquisador e comumente descontextualizadores. Além disso, a pesquisa qualitativa permite uma intervenção de fato. De que servem os estudos, se não têm uma utilização direta? Daí, a necessidade de efetuar a pesquisa para se alcançar um entendimento da comunidade e de suas necessidades e não somente para gerar pesquisa pela própria pesquisa.

Conseqüentemente, poder-se-á falar de "pesquisa de contrato" onde existe uma consciência social sobre intervenção da mudança social?

Por último, está a questão da comunicação, uma área muito fértil, que apresenta muitas opções para o conhecimento da ideologia latino-americana.

Também percebe-se a necessidade de se averiguar como a pesquisa qualitativa contribui ao conceito de cultura vinculada ao poder. É funda-

mental para qualquer pesquisador formular-se a seguinte pergunta: Para quem se dirige esta pesquisa? Qual a sua finalidade?

Em um plano mais específico, a pesquisa qualitativa:

- a) amplia os estudos descritivos que tipificam uma grande maioria de investigações;
- b) destaca a necessidade de focalizar não somente o conteúdo e o produto, mas o processo;
- c) por sua própria concepção, habilita os próprios participantes para encarar as mudanças sociais que forem necessárias e não os toma como fontes de informação. Pelo contrário, provê-os de maiores recursos para interpretar sua própria realidade.

À guisa de conclusão, referir-nos-emos a uma nota de Durkheim de 1800, na qual nos recorda que:

"A ciência não existiu sempre, é uma construção humana e, portanto, requer a compreensão ou entendimento humano da ação dos homens para poder existir".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Clem. David Jenkins and Stephen, Kemmis. "Rethinking Case Study". Notes from the Second Cambridge Conference. *Cambridge Journal of Education*. Vol. 6. nº 3, 1976, pp. 139-150.
- APPLLE, Michael. *Ideology and Curriculum*. Boston Routledge and Paul Kegan, 1979.

- BENEDICT, Ruth. *The Chrysanthemum and the Sword*. Patterns of Japanese Culture. Boston, Houghton Mifflin, 1946.
- ERICKSON, Frederick. "Some Approaches to Inquiry in School-Community Ethnography", *Anthropology and Education Quarterly*. Vol. VIII, nº 2, May 1977, pp. 58-69.
- _____. "What Makes School Ethnography' Ethnographic'". *Anthropology and Education Quarterly*, Vol. 4, nº 2, 1973, pp. 10-19.
- FIRTH, Raymond. *Elements of Social Organization*. Westport, Conn. Greenwood Press Publishers, 1981.
- GIROUX, Henry A. *Ideology, Culture and Process of Schooling*. Philadelphia, Pa., Temple University Press, 1981.
- HYMES, Dell. *Foundation in Sociolinguistic: An Ethnographic Approach*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1974.
- SPRADLEY, J.R. and David McCurdy. *The Cultural Experience: Ethnography in Complex Society*. Chicago, Science Research Associates, 1972.
- WILLIS, Paul. *Learning to Labour: How Working Class Kids Get Working Class Jobs*. England, Saxon House, 1977.